

...a presidenciável Oposição se arma com as alianças estaduais

SÓCRATES ARANTES

ENQUANTO o presidente Fernando Henrique Cardoso torce para enfrentar o PT e o PDT isolados de outras siglas - como o PMDB -, a oposição está apostando todas as suas fichas na tentativa de atrair forças políticas que aumentem sua aceitação em todos os segmentos da sociedade brasileira, dando prioridade, pela primeira vez, às alianças estaduais. O raciocínio da oposição é que a eleição geral deste ano tem características completamente distintas das de 1989, por exemplo, quando Fernando Collor de Mello se elegeu presidente da República pelo PRN, partido sem qualquer tradição e estrutura.

Na eleição de 1989, Collor venceu Luiz Inácio Lula da Silva porque conseguiu maniqueizar as eleições - rotulando a sua candidatura como boa e a de Lula como má - ao se apresentar na pele do "estadista moderno, caçador de marajás", enquanto Lula era o "troglodita de esquerda que iria estatizar tudo". O presidente Fernando Henrique revelou esta semana que pretende repetir a tática usada por Collor. Mas a oposição acha que, além de ser algo já visto, a estratégia não dará certo por ser esta uma eleição "casada" - quando vai se eleger presidente, governador, senador e deputado federal - enquanto a eleição de 89 foi só para a Presidência da República.

Nesse aspecto, a oposição acredita que leva vantagem em relação a Fernando Henrique, porque Lula terá mais liberdade de fazer campanha eleitoral - subindo em palanques - em todos os estados brasileiros. Já Fernando Henrique terá dificuldades nos estados onde os cinco partidos não estiverem juntos. Depois que Lula fechou a chapa com Brizola e procura manter um crescente relacionamento com os setores não governistas do PMDB, hoje a meta maior do PT é, segundo um de seus teóricos mais frequen-

tes, o deputado José Genoíno (SP), "evitar a todo custo que o Governo consiga maniqueizar as eleições deste ano".

O maior problema dos governistas já é São Paulo, onde se concentram 21 milhões de eleitores (20% do eleitorado brasileiro), pois lá o PSDB deverá ter candidato (talvez Mário Covas) contra o PPB de Maluf. O PFL já se decidiu pelo apoio a Maluf, pois o pepebista, além de afagos, já ofereceu cargos no futuro governo. Por conta dessa divisão, Fernando Henrique não sabe em que tablado vai pisar - se é que pisará em algum. Tão complicada essa equação política que o líder Inocêncio Oliveira (PFL-PE) entende que o Presidente vai optar por uma campanha eletrônica, praticamente recluso em Brasília, para impedir que seus aliados se despedacem em público.

Sustentação - "O PT não pode trabalhar só com o cenário dele e sim com o dos outros partidos, aliados ou futuros aliados, como os partidos de centro", diz Genoíno, explicando os movimentos envolventes dos petistas. Animado com a perspectiva do PSB se juntar no plano nacional ao chapão de esquerda - o que já ocorre na maioria dos estados -, Genoíno adianta que "a eleição é casada (palanques nacionais e estaduais) e o palanque estadual é fundamental para a oposição e para a situação".

"Nós da esquerda, vamos construir palanques estaduais que tenham correspondência com o palanque nacional", diz o petista, dando a fórmula que os alquimistas políticos do Planalto não conseguiram reproduzir em São Paulo e em outras unidades federativas. Genoíno explica que os palanques estaduais são tão importantes que vem da inexistência de estrutura do PPS na maioria dos estados "a debilidade da candidatura Ciro Gomes". A diferença, segundo ele, é que numa eleição "casada" o palanque estadual é que dá sustentação à candidatura a presidente da República.